

O PROCESSO HISTÓRICO DO RENASCIMENTO À REVOLUÇÃO FRANCESA

João Ribeiro Junior

No desenrolar do século XIV, o regime econômico entra em declínio, e com ele todo o sistema que o acompanhava. É a crise, com sua mudança na hierarquia dos valores predominantes. Conseqüentemente, alvorece nova Era distinta da chamada Idade Média (termo inventado pelo historiador alemão Christophe Keller, no século XVII). Distinta nas circunstâncias econômicas, sociais e políticas; distinta na mentalidade — plena de novos conhecimentos —, que se forma no homem europeu; distinta na capacidade técnica; distinta no âmbito geográfico em que haverá de viver no futuro o homem ocidental.

No painel econômico, os turcos ao bloquearem o Mediterrâneo, impedindo a continuação do comércio de produtos orientais, força o Ocidente a procurar novos caminhos marítimos. No panorama político, surgem os Estados Nacionais, originados da centralização monárquica. No campo social, registra-se a ascensão da classe burguesa.

É dentro deste quadro que se difunde um renovado interesse e um gesto acentuado pela antigüidade clássica. Há uma intensa atividade cultural. Os colecionadores, os eruditos, os escritores, os professores, os artistas, insatisfeitos com as formas tradicionais da vida nacional-medieval, voltam-se, com uma admiração sempre crescente, para a cultura greco-romana. O espírito dogmático é progressivamente substituído pelo livre-exame. Floresce o Humanismo. E no seu apogeu se inicia uma nova Era no campo das humanidades e no campo da criação estética: o Renascimento, que vem marcar a reação contra os excessos da submissão intelectual, essa filha da Idade Média.

O Renascimento — *La Rinascita*, termo criado por Giorgio Vasari em seu *Vida dos mais excelentes arquitetos, pintores e escultores italianos* (1550), introduzido na historiografia por Jules Michelet, em 1840, e divulgado por Jacob Burckhardt, no livro *A Civilização da Renascença Italiana* — foi o instante em que se soltaram todos os laços pelos quais a Escolástica prendia o pensamento; foi o momento em que o Poder Temporal ascendente quebrou, de vez, a influência do Poder Espiritual. (A palavra *Renaissance*, Renascença foi empregada pela primeira vez na *Enciclopédia francesa* de 1751-72).

Revolução dos Países Baixos. Felipe II, da Espanha conspira contra Isabel, da Inglaterra. É o caos político-religioso na luta pela hegemonia europeia.

A partir do século XV, na Europa, o estado feudal descentralizado cede lugar às monarquias nacionais fortes, centralizadas. Inicia-se a formação do Estado-Moderno. Luiz XI, em França, depois da Guerra dos Cem Anos, fortalece a monarquia ao submeter Carlos, o Temerário, o último poderoso senhor feudal. Henrique VII, na Inglaterra, reúne as Casas de York e Lancaster, iniciando a dinastia dos Tudor. É o germe do Absolutismo.

O Absolutismo, sistema político que se caracteriza pela concentração dos poderes legislativo, executivo e judiciário nas mãos dos reis, justificado ou pela teoria do direito divino, de Bossuet, ou pela cessão de direitos, de Hobbes — é a marca típica desse período político da História ocidental. Luiz XIV, da França, José I, de Portugal, e Frederico II, da Prússia são figuras representativas do Absolutismo.

É a partir do século XVII que os pensadores procuram estabelecer fórmulas, com vista ao estabelecimento de novas condições político-sócio-econômicas, a fim de que se atenuem a pressão que o poder real vinha exercendo sobre o povo.

Brotam, desse terreno fértil de ideologias, a teoria liberal de Locke, a teoria democrática de Rousseau, a idéia da divisão dos poderes de Montesquieu, e o pensamento libertário de Voltaire.

E o despotismo esclarecido faz sua entrada no cenário político numa tentativa de conciliação entre o Estado absolutista e as novas fórmulas.

É a época de José II, da Áustria, de Frederico II, da Prússia, de Catarina II, da Rússia. É a época do Marquês de Pombal. É a época das ambições colonialistas com seus conflitos e organizações imperialistas. É a época do protetorado. É a época preambular das independências.

Nesta estrutura, novamente, a França é o modelo. A cultura francesa dissemina-se pela Europa e pelas Américas, principalmente, pelo Brasil, quando acontece a revolução intelectual, que culmina no Iluminismo.

É o século das luzes. É o século da razão emancipada, que haveria de dispersar as trevas da ignorância, da superstição e da tirania.

O Iluminismo exerce forte influência no desenvolvimento das idéias, notadamente, no campo econômico e político. Elege-se a razão como o único guia.

Do sistema fisiocrático passa-se ao liberalismo econômico. E o testemunho — testemunho eloquente — da amplitude

do pensamento sócio-político desta época é a **Enciclopédia**, que projeta sua sombra no combate ao absolutismo real, na crítica à ordem social, na luta pela tolerância e na necessidade das reformas de base.

São os anos de conquista da burguesia ascendente, com suas esperanças e decepções, com suas reformas e revoltas, com suas transformações econômicas e conseqüências sociais, com sua vitória final sobre a decadente monarquia. É a explosão da igualdade e da liberdade, transformando a vida material.

Novo marco divisório da História é, então, erigido. A Revolução Francesa abre, estrondosamente, as portas para a História Contemporânea alterando toda a perspectiva dos séculos anteriores, numa tentativa de reconstrução de um novo equilíbrio entre as novas tendências e a mensagem renascentista.

Por esta visão sucinta, através da História Moderna, verificamos que a cultura (em seu sentido mais amplo) desenvolveu-se e difundiu-se fora do âmbito em que se formara, desde a Idade Média. E as conseqüências foram notáveis, porquanto provocaram transformações profundas e decisivas. Transformações no setor econômico, social, político, espiritual e tecnológico, que se projetaram além, muito além do tempo, marcando indelevelmente os séculos vindouros.